

TEATRO

6, 7, 8 FEVEREIRO 2018

Se eu vivesse tu morrias

de Miguel Castro Caldas & Lúcia Soares,
Filipe Pinto, Miguel Loureiro, Tiago Barbosa,
Gonçalo Alegria e Salomé Marques

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

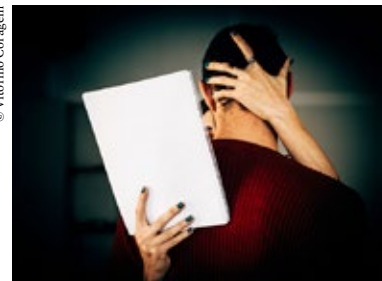


Conceção Miguel Castro Caldas, Lúgia Soares e Filipe Pinto **Direção e texto** Miguel Castro Caldas
Criação, interpretação e figurinos Lúgia Soares, Miguel Loureiro e Tiago Barbosa **Criação, cenografia, imagem e figurinos** Filipe Pinto **Criação, som, vídeo e luz** Gonçalo Alegria **Direção técnica** Cristóvão Cunha
Criação e assistência aos ensaios Catarina Salomé Marques **Pré-produção** Marta Raquel Fonseca
Produção executiva Vânia Faria **Gestão e difusão** [PI] Produções Independentes **Coprodução** Culturgest e Fundação GDA **Apoio à produção** Polo Cultural das Gaivotas – CML, AND_Lab, Research on Art-Thinking & Togetherness, Máquina Agradável – Associação Cultural, Enseada Amena – Associação Cultural, Espaço do Tempo **Agradecimentos** Ana Matoso, António Gouveia, Bruno Humberto, Fernanda Eugénio, Marta Rema, Miguel Cardoso, Susana Gonçalves

Ter 6, qua 7, qui 8 de fevereiro
21h30 · Palco do Grande Auditório · Duração: 1h30 · M16

Este trabalho tem o carácter de um ensaio, de uma tentativa, de uma investigação; trata-se da exploração de um dos limites do teatro: o texto. O texto está disponível ao mesmo tempo que a sua representação; os espectadores poderão alternar entre a leitura e a visão do espetáculo. Interessa neste projeto esse intervalo particular, entre ver e ler. Embora ler seja simultaneamente ver, a leitura representa uma espécie de cegueira – só se lê se não se virem as letras, as palavras, as frases, o texto; só se acede ao significado se se descartar a forma. Este projeto acontece precisamente nesse intervalo: entre ler e ver, entre o livro e o palco, na intermitência da atenção do espectador, entre o levantar e o baixar da cabeça, num movimento de gola. Dir-se-ia, então, que este projeto serve para investigar a visibilidade do texto teatral, inclusive as didascálias – esse texto afónico que coreografa tudo o que se vê num palco. Filipe Pinto

Repare-se nesta fotografia do Vitorino Coragem. Foi feita num ensaio.



É a Lúgia Soares e o Tiago Barbosa. Vamos supor que estamos lá, a olhar. A Lúgia está apaixonada. Vê-se pela maneira como toma para si a nuca do Tiago. Mas tem o caderno na mão. E o olhar (quase não se vê, mas vê-se, chega-se a ver) está a seguir o texto. A paixão destes dois está ali escrita. E estar escrita é já ter passado. Já ter sido. A paixão entre estes dois já não existe ali. É um cadáver.

Foi este o ponto de partida para o nosso trabalho, em meados de 2015. Como pode um cadáver estar tão vivo perante os nossos olhos. Jean Genod dizia que é à imemorial noite povoada pelos mortos que a arte se dirige. E é claro que o Walter Benjamin, anos antes, lhe respondeu que é o contrário, é a imemorial noite povoada pelos mortos que se dirige a nós: “Não passa por nós um sopro daquele ar que envolveu os que vieram antes de nós? Não é a voz a que damos ouvidos um eco de outras vozes já silenciadas?” Fui falar destas coisas com a Lúgia Soares, mostrei-lhe outra fotografia, com outros dois apaixonados, também atrapalhados entre os corpos e os papéis. Pedi-lhe ajuda. Começámos a pensar, a discutir. Incentivou-me a reunir uma equipa. Então fui falar com as pessoas que eu sabia que eram as certas para construir este projeto. A Marta Raquel Fonseca desenhou comigo um plano de produção. A Culturgest aceitou coproduzir. Tentámos encontrar coprodutores, a Marta enviou cartas a tudo o que era programador. Uns responderam e outros não. Reuni-me com uma grande parte deles, não conseguimos nada,

apesar de estarmos a uma distância de mais de um ano. Mas precisávamos de mais verba. Concorremos ao apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. Não ganhámos. Resolvemos avançar, a estreia já estava agendada para dezembro de 2016. Para mim era muito importante fazer este projeto com vagar e haveria ainda tempo para conseguir apoios e coprodutores. O plano consistia em fazer vários períodos de ensaios, durante um ano, e entre eles ir escrevendo o texto. Começámos em fevereiro de 2016 a fazer encontros intensivos de uma semana. Nem toda a equipa estava ainda disponível. Éramos eu, a Lígia Soares, o Filipe Pinto, no início. Estivemos numa sala da Culturgest a pensar, a desenhar, a escrever. O Francisco Frazão também apareceu, sugeriu leituras, pensou connosco. Concebemos o conceito e o espaço cénico. A Salomé Marques também nos ajudava, estagiando. Comecei a escrever a peça. Em Abril chegou o Tiago Barbosa e o Gonçalo Alegria. Continuámos a discutir. Lemos mais. Colocámos hipóteses. Experimentámos. Concorremos ao apoio da GDA e ganhámos. Reparámos que o júri era composto por todos os programadores dos teatros municipais e nacionais de Lisboa e Porto. Achámos isso estranho. Em Maio juntou-se o Miguel Loureiro. Já havia mais ou menos um enredo parvo, como queríamos, que servisse de esqueleto aos assuntos que nos interessavam. Voltámos ao ponto zero. Questionámos tudo. Reformulámos. Afinámos. Continuámos. Almoçávamos na cantina da Caixa Geral de Depósitos, onde nos sentíamos dentro do *Playtime* do Tati. O texto ia sendo escrito. Em

Julho continuámos outra vez. Íamos pensando a música, as luzes, com o Gonçalo Alegria. Concorremos aos apoios pontuais da DGArtes, perdemos, diluídos na enorme quantidade de projetos que concorriam sem nada obter. Em novembro começaram os propriamente ditos ensaios, no Polo Cultural da Gaiivotas. O Gonçalo Alegria fez a música e as luzes. O Filipe concebeu o cenário, que é um livro.

Estreou na Culturgest. Correu muito bem. Nenhuma crítica foi ver. Os programadores foram todos. Os amigos também. E os desconhecidos também, em grande número. Entretanto, em 2017 o espetáculo foi à Plataforma PT em Montemor-o-Novo, em inglês, com o apoio da Culturgest e do Espaço do Tempo e com tradução do Miguel Cardoso. Trata-se de um festival para programadores estrangeiros verem o que há à venda. As pessoas gostaram mas tivemos azar porque, como era de manhã, os programadores estrangeiros de teatro ficaram a dormir. Só foram ver os de dança e os portugueses. O programador do Centro Cultural Vila Flor gostou da versão em inglês. Disto resultou que vamos apresentar o espetáculo em Guimarães em português. Também vamos ao Teatro Viriato, em Viseu. Estivemos também no TAGV, em Coimbra, no festival END. Fomos a S. Miguel, Açores, no festival Walk & Talk. Ganhámos um prémio da SPA. E agora voltamos à Culturgest. É a primeira ou segunda vez que a Culturgest repõe um espetáculo de teatro. É uma honra para nós.

Miguel Castro Caldas

Filipe Pinto

Vive e trabalha em Lisboa. Criou projetos para a Experimentadesign, galeria a9))), e para as revistas *Imprópria*, *Intervalo*, *Wrong Wrong* e *ESC:ALA*. Publicou ensaios, críticas e recensões nas revistas *Artecapital*, *Imprópria*, *Intervalo*, *Wrong Wrong*, *Cinema* e em edições de autor.
filipepinto.weebly.com
inappropriatepoetry.wordpress.com

Gonçalo Alegria

Estudou música com Walter Lopes, José Eduardo e Mário Delgado. Foi professor de Som e de Luz na Escola Profissional de Artes e Ofícios do Espetáculo. Frequentou o Curso de Artes da Performance Interdisciplinares e Tecnológicas, Programa Gulbenkian Criatividade, em 2008. Membro do coletivo Silvestre Alegria. Desenvolve uma pesquisa artística interdisciplinar onde usa, entre outras matérias, o som, rádio, *performance* e a escrita. Trabalha em teatro desde 1999. Colaborou, entre outros, com Ainhoa Vidal, Marina Nabais, Companhia Caótica, João Ferro Martins, Daniela Silvestre, Máquina Agradável, Teatro do Vestido, Sílvia Pinto Coelho, João Pedro Vaz, SubUrbe, Teatro Praga, Ninho de Víboras, Teatro Meridional.

Lígia Soares

Coreógrafa e dramaturga. Começou o seu trabalho nas artes performativas na companhia de teatro Sensurround em 1997. Criou, desde 2001, mais de 20 peças da sua autoria, a solo ou em colaboração. O seu trabalho tem sido

apresentado nacional e internacionalmente, estando presente em vários programas internacionais de dança contemporânea. Foi artista residente da TanzFabrik-Berlin de 2004 a 2006; em 2008 integra o programa internacional DanceWeb em Viena. Juntamente com a sua irmã Andresa Soares é diretora artística da Máquina Agradável (Lisboa), através da qual produz os seus trabalhos. Tem promovido e colaborado em vários projetos nacionais e internacionais de programação com outros artistas como o *Demimonde*, *Celebração* (Culturgest 2012), *Demimonde na Galeria da Boavista* (2013), *Meio-Mundo Estrada Fora* (Lisboa/Porto/Madrid/Paris 2014), *Face a Face – Programa Luso-Brasileiro de Artes Performativas* (Brasília 2015, Rio de Janeiro 2016). A sua peça *Romance* (2015) foi editada pela Douda Correria. Na temporada 2015/2016 foi membro do laboratório de escrita para teatro do Teatro Nacional D. Maria II em Lisboa.
maquinaagradavel.com

Miguel Castro Caldas

Escreve para a cena e para o papel, traduz e dá aulas de dramaturgia na licenciatura de Teatro na Escola Superior de Artes e Design. Trabalhou em teatro com Bruno Bravo, Jorge Silva Melo, Gonçalo Waddington, António Simão, Tiago Rodrigues, Gonçalo Amorim, Teresa Sobral, Raquel Castro, Pedro Gil e Lígia Soares, entre outros. Alguns dos seus textos estão publicados na coleção Livrinhos de Teatro dos Artistas Unidos, na editora Ambar, na Douda Correria, na Mariposa Azul,

na Culturgest, na Primeiros Sintomas, e nas revistas *Artistas Unidos*, *Fatal e Blimunda*. Traduziu Samuel Beckett, Harold Pinter, Ali Smith, William Maxwell, Joyce Carol Oates, Salman Rushdie e Senel Paz, entre outros.

Miguel Loureiro

Formado pela Escola Superior de Teatro e Cinema. Frequentou o Seminário *The Rhetorics of Testing*, com Jan Ritsema e Bojana Cvejić. Foi intérprete em teatro, ópera e *performance* com Nuno Carinhas, Luis Miguel Cintra, Bruno Bravo, João Grosso, Luís Castro, André Guedes, Pedro Barateiro, Sara Carinhas, Lúcia Sigalho, Maria Duarte, Álvaro Correia, Jean-Paul Bucchieri, Carlos Pimenta, André e Teodósio, João Pedro Vaz e Tónan Quito. Como encenador, trabalhou com estruturas como o Cão Solteiro, O Rumo do Fumo, Galeria ZDB, Mala Voadora, Nuno M. Cardoso e Miguel Castro Caldas. Por *Juanita Castro* recebeu uma Menção Honrosa da Associação Portuguesa de Críticos de Teatro e por *Contos do Ócio* recebeu o Prémio de Interpretação do Concurso Teatro na Década. Foi nomeado para o Prémio de Teatro Europeu – Novas Realidades Teatrais.

Foi o fundador e diretor artístico do coletivo 3/quartos. Escreveu a sua primeira peça, *Pergunta a Duquesa ao Criado*, em 2012.

Salomé Marques

Atriz que escreve para teatro. Licenciada pela Escola Superior de Artes e Design. Começou o seu trabalho como atriz em 2003, tendo feito

inúmeras peças de cariz educativo. Desde então, destaca no seu trabalho a passagem pelo grupo Fazigal, que lhe permitiu participar no projeto PANOS, com apresentação no festival da Culturgest. Trabalhou, também, em parceria com os grupos Dentada Macaca, Obsideo e Gato que Ladra. Em 2016 deu voz às personagens Ana em *Sete Pecados Mortais* e Helena no *Sonho de uma Noite de Verão*. Realizou trabalhos para cinema, fotografia e publicidade, destacando a curta-metragem *Feed Me* de Élodie Almeida.

Tiago Barbosa

Licenciado em Teatro pela Escola Superior de Teatro e Cinema. Participou em espetáculos com direção de Gustavo Ciriaco, Nuno Gil, Paula Sá Nogueira e André Godinho, Maria Gil, Jorge Andrade e Miguel Pereira, Dinarte Branco e Tiago Nogueira, Martim Pedroso, Mónica Calle, Bernard Sobel, Lúcia Sigalho, Miguel Loureiro, Francisco Alves, João Lourenço, António Pires, Cătălina Buzoianu, Jorge Silva Melo, Adelino Tavares, Paulo Lages, Marcos Barbosa, Joclécio Azevedo, Vítor Hugo Pontes, Inês Jacques, Rita Natálio, Ainhoa Vidal e Edward Fão, entre outros. Fez pequenos papéis em filmes de Sandro Aguilar, Manuel Pradal e Francisco Manso, entre outros. Participou pontualmente em séries e telenovelas. Integrou o projeto de Arte e Ciência *Raízes da Curiosidade*. Encenou o espetáculo *A Grande Sombra Loira*, a partir de sonetos de Florbela Espanca, e recentemente *Olá, Eu Sou o Pai Natal*.

Próximo espetáculo

Festival Rescaldo

Música Sex 16, sáb 17, dom 18, sex 23, sáb 24 de fevereiro Pequeno Auditório, Garagem da Culturgest, Panteão Nacional · M6



© Travassos

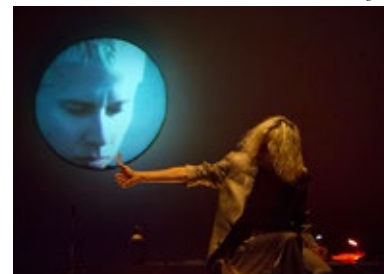
Ao longo de 10 anos, o Festival Rescaldo afirmou-se como local privilegiado para sentir o pulso à criação sonora “sem rede” do país e a edição de 2018 não será diferente. O cartaz atravessa, como sempre, várias gerações, escolas, percursos e imaginários, e comprova a grande vitalidade da cena experimental, inclassificável, portuguesa.

Próximo espetáculo de teatro

MDLSX

de Motus

Teatro Sáb 17, dom 18 de março
Palco do Grande Auditório · 21h30 (dom 17h)
Duração: 1h20 · M16



© Nada Zgank

Para o *New York Times*, a performer Silvia Calderoni “deve ser feita de mercúrio, ou algum elemento líquido improvável que ainda não foi descoberto”. Vem pela primeira vez a Lisboa esta fundamental companhia italiana, com uma “performance-monstra” que é um dispositivo sonoro explosivo, um hino alucinogénio e solitário à liberdade de tornar-se.

Conselho Diretivo

Presidente

Paulo Moita de Macedo

Administradores

José Ramalho (Direção Executiva)

Mark Deputter (Direção Artística)

Assessores

Delfim Sardo (Artes Visuais)

Pedro Santos (Música)

Liliana Coutinho (Debate
e encontros)

Francisco Frazão (assessor Teatro
temporada 2017-2018)

Gil Mendo (assessor Dança
temporada 2017-2018)

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos
(coordenadora)

João Belo

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Adriana Mestre (estagiária)

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

Publicações

Maria João Santos

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona
(coordenadora)

Patricia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Nina Ferreira
(coordenadora)

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

José Rui Silva

Direção de Cena

José Manuel Rodrigues

Técnicos Audiovisuais

Américo Firmino (coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

Maquinaria

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico de palco

Vasco Branco

Frente de Casa e Bilheteira

Rute Sousa (coordenadora)

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Miguel Caissotti (conservador)

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Jennifer do Coito (estagiária)

Carolina Machado (estagiária)

Edifício Sede da Caixa Geral de
Depósitos · Rua Arco do Cego n°50,
1000-300 Lisboa · 21 790 51 55
www.culturgest.pt